

Fusões musicais providas do cerrado brasileiro

Músicas experimentais com forte apelo social, sem ficar preso ao ritmo cadenciado pelas grandes gravadoras, são o que movem as composições de João Ninguém

Diego Antonelli¹

Brasília, década de 1980. Época de florescimento de algumas das bandas que ainda figuram como expoentes do rock nacional, como Aborto Elétrico, Legião Urbana, Capital Inicial e Plebe Rude. Brasília, século XXI, anos 2000. Surge uma trupe musical com proposta diferenciada, utilizando mesclas de distintos estilos musicais e com letras e composições instigantes. Indubitavelmente algo que poucos ou, quem sabe, ninguém ousaria fazer no atual cenário fonográfico nacional, onde prevalece melodias ‘fáceis’ de decorar, com clara e exclusiva pretensão comercial.

Nenhuma gravadora de grande porte por trás deste grupo, nenhum estúdio consagrado, nenhum interesse ou anseio tão pura e simplesmente para ganhar dinheiro. E esses “nen’s” a banda carrega no próprio nome: João Ninguém. Expressão muito usada quando as pessoas querem fazer referência a “qualquer um”. Mas a banda João Ninguém não segue o sinônimo da expressão popular. Trata-se de um grupo musical que aparece no cenário musical com algo a dizer. Com críticas a fazer. Canções que alegram e revoltam. Canções que, em uma primeira impressão, podem causar até dores de cabeça com seu rock performático. A banda é formada por: Melina Sales (vocal), Rochel A. (vocal), Vânia Machado (vocal), Fernando Almeida (guitarra), Rodrigo Bezerra (guitarra), Paulo Zimbres (baixo) e Anderson Nigro (bateria).

O primeiro *compact disc* (cd) do grupo, gravado de dezembro de 2005 a fevereiro de 2006 no Estúdio Blue Records em Brasília, não têm título específico. Na capa, produzida por Elder Galvão, há apenas o nome “João Ninguém” no canto direito superior. O que recebe destaque é o desenho, ou o melhor, o esboço de um jovem (ou seria ‘uma jovem’?) todo pintado de vermelho e no fundo as casas que simbolizam uma cidade qualquer. Seria João Ninguém perdido em uma metrópole acimentada, com arranha-céus que inibem a simples aparição do sol?

Evidente que não é apenas a capa o motivo para ouvir a confraria musical nascida no cerrado brasileiro. Com as participações especiais de Lupa (percussão) e Pedro Scartezini (trombone), o disco de João Ninguém é composto por nove faixas

¹ Acadêmico de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG/PR).
E-mail: diego-antonelli@bol.com.br

musicais. E não é exagero afirmar que todas merecem destaque. Mas algumas delas fazem jus a uma atenção especial.

A música que abre o disco, denominada “Alfavela”, já no título intriga. Pode remeter a uma mistura de alfa, beta e favela, que em conjunto formam o alfabeto. Ou seria que o alfabeto é que configura a existência da favela? A letra da música, realçada pelos contrabaixos, guitarras e baterias alucinados, segue ‘enigmática’. Provoca indagações se, de fato, “haverá um novo enigma”. (e que enigma seria esse? O medo, a violência, os políticos? Ou tudo isso e, talvez, um pouco mais?).

A mistura de diferentes tons das vozes femininas canta um poema abstrato, nos moldes concretistas, que após alguns minutos de som cabe aos ouvintes tentar descobrir “onde está o teu alfabeto”, sendo este uma provável metáfora às ordens que são regidas nas favelas.

Este tom social é um dos carros-chefe dos músicos. O próprio grupo afirma que “a estranheza das construções musicais fere a percepção do ouvinte e força-o a refletir e enxergar novas possibilidades de vida”. O que pode levar a conclusão de que a própria banda segmenta o público. João Ninguém busca ou privilegia um público consciente com o meio social e político.

Outra faixa que não pode passar despercebida é “Continui Continuum”. Trata-se de um dia na vida burocrática de um contínuo, no qual o uso obrigatório do crachá é inevitável. As vozes masculinas dão à impressão de falarem como próprios contínuos. Palavras tornam-se insuficientes para expressar o desenho musical de João Ninguém. Quando é o elevador que o funcionário deve encarar, as batidas musicais acompanham e embalam o sobe-desce do imaginado contínuo.

Após uma pausa de aproximadamente três segundos (suficiente para acreditar que a música termina), vozes graves femininas, em jogo acelerado das palavras “xerox, café, carimba, bater o ponto” proporcionam a sensação de que o cotidiano acelerado de um funcionário burocrata restringe-se ao local fechado de serviço.

O riso no início da canção “Manifesto A” marca a sátira que a embala. É como se os músicos pedissem para que as maledicências mundiais dessem uma trégua. Para eles, algumas coisas devem “tanto separar, quanto unir”, perguntando quem são os causadores ‘dessa guerra’. Um momento ímpar desta música ocorre quando uma voz masculina parece, realmente, ler um manifesto: “de um lado o homem do outro a mulher”. Uma voz feminina o interrompe com uma curta e singular frase: “acabe logo com isso”.

Esta canção não critica apenas as desigualdades que causam as guerras, mas também o egoísmo e o individualismo presente nas pessoas, afinal, como João Ninguém canta “alto lá autoridade toda propriedade é roubo”.

A banda João Ninguém aposta em uma inovação musical moderna e na fusão dos gêneros tradicionais, como rock, funk, jazz, reggae, pop, mpb, erudito e contemporâneo. A primeira vista esta confusão musical pode ser que resulte em um som esquisito, torto. Muito embora todas essas qualificações João Ninguém assumam voluntariamente, quem ouve o cd do início ao fim não afirma que sejam músicas esquisitas, mas sim diferentes que primam pela originalidade, sem fincar bandeira em um único estilo.

A desorientação daqueles que se esforçam por nomear e determinar o gênero a que o grupo pertence não perturba os membros da banda, que se orgulha de transitar intacto pelos territórios do rock, do funk, do samba, do experimentalismo erudito do século XX, do jazz.

Trata-se de um trabalho que remete à vanguarda paulistana de Arrigo Barnabé, que segue os traçados estruturais do rock progressivo, que pisa no chão solidificado da black music, temperados por ritmos folclóricos e timbres elétricos. Ao mesmo tempo, pode ser música para se ouvir todo dia, refletindo a realidade das pessoas.

O cotidiano urbano passa a ser usado como matéria-prima, enquanto que João Ninguém se coloca como propenso protagonista em um cenário musical dominado por personagens que passam, como a própria banda canta, “com sua boca enorme incrivelmente azul engolindo o lixo, engolindo a noite, engolindo a própria boca”.

Referências: *Banda João Ninguém*. CD gravado no Estúdio Blue Records em Brasília (DF), de dezembro de 2005 a fevereiro de 2006. Por Guilherme M. Negrão, Gustavo Guimarães e Kiko Freitas. Gravadora GRV Produções.